**Marta OU Maria?**

**Trabalhar e rezar para o reino de Deus**

**Pe. Rogério L. Zanini**

A pandemia provocou uma chacoalhada na humanidade. Um vírus invisível fez o mundo perceber sua fragilidade, mas, também, que tudo está interligado. Ouvimos afirmações como: “O vírus é uma denúncia sobre os rumos da humanidade, que somente pensa em consumo e dinheiro”; “A pandemia faz pensar na forma como conduzimos à vida, o que realmente amamos e onde estão nossas prioridades”; “Aprendi a dar valor para as coisas pequenas”; “A família, a comunidade e o amor às pessoas não têm preço”; “Revela os problemas estruturais da nossa sociedade, principalmente a crise humanitária”. São algumas das expressões escutadas, nesses dias, diante da pandemia do Covid-19.

Em relação à Igreja, o “*ficaemcasa”* foi uma sacudida que provoca muitos desafios. Por um lado, possibilita redescobrir formas sempre novas de anunciar o único evangelho de Jesus Cristo. O desafio maior está na utilização das novas tecnologias disponíveis e no alcance da evangelização. Providencial ou não, a Igreja do Brasil assumiu em suas últimas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023, a imagem da casa como ícone central na evangelização. Em seu duplo movimento: a casa permite o ingresso e a saída, lugar de acolhimento e envio. A comunidade e missão como dois grandes eixos do ser cristão (*Documento da CNBB 109*). Por outro lado, a pandemia fez perceber alguns limites e lacunas na compreensão da fé cristã. De modo particular, o ser comunidade cristã e a própria dimensão eucarística, ápice e cume da vida cristã. As palavras do bispo José Carlos de Souza Campos, deixam transparecer o desafio pastoral a ser enfrentado.

Acho que perdemos o senso da comunhão eclesial, da circulação dos bens espirituais no Corpo inteiro de Cristo, a Igreja, e fixamos nosso olhar erradamente na comunhão sacramental individual como única forma de vivência da fé eucarística e dos seus efeitos. A comunhão eucarística tomada abundantemente até antes da pandemia não nos educou para a comunhão mística que existe entre os batizados, mesmo que nem todos tenham acesso à vida sacramental. Precisamos pensar nisto! (*Dom José Carlos de Souza Campos – Diocese de Divinópolis -MG. Disponível em:* [*https://www.cnbbleste2.org.br/artigo/pensando-nas-pessoas-dos-grupos-de-risco-22042020-140727*](https://www.cnbbleste2.org.br/artigo/pensando-nas-pessoas-dos-grupos-de-risco-22042020-140727)*).*

Por isso, essa chacoalhada na vida eclesial, mesmo sendo amarga e dolorida, poderá tornar-se oportunidade para refazer o tecido eclesial e refletir criticamente o ser comunidade cristã e sua vivência eucarística. Nesse sentido, o eixo da evangelização, a partir da imagem da casa e da “Igreja em saída”, como vem insistindo Papa Francisco, desafia a colocar a vida cristã em um processo de conversão permanente. As casas, como verdadeiras células eclesiais do cristianismo primitivo, se renovam na continuidade histórica de todos os tempos e lugares (cf. At 2,42-47).

A partir desse cenário da pandemia, mas fundamentalmente, instigados pelas novas diretrizes, faz-se necessário “recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp n. 12). O encontro com Jesus desencadeia um movimento de mão dupla: “Vinde” e “Ide”. O Jesus que chama é o mesmo que envia (cf. Mc 3,13-15). Por isso, todo o batizado é por essência um missionário. Ora, não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária, como se uma só dessas dimensões bastasse. “A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana ‘em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural’” (DAp. n. 356).

Essa relação nem sempre ocorre com o justo discernimento na espiritualidade cristã. Atualmente, devido à pandemia, mas também no cotidiano da vida cristã, aparece mais estampada a dificuldade de relacionar a fé com todas as dimensões da vida humana. A fé cristã está centrada na capacidade de amar a Deus e ao próximo, rezar e servir, amar e contemplar, como realidades indispensáveis para o discípulo de Jesus Cristo. “Sem oração não existe vida cristã autêntica. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã” *(CNBB, Doc. 109, n.102).*

**Marta e Maria: a fé sem obras é morta (cf.** **Tg 2,17)**

A comunidade dos discípulos/as missionários/as de Jesus Cristo é guiada pelo Espírito Santo, que a todos conduz à Casa definitiva do Pai, onde há muitas moradas (cf. Jo 14,2). No entanto, esta fidelidade ao Mestre exige na história trabalhar na lavoura de Deus. Porque: a fé como dom, uma vez acolhida na graça, transforma-se em missão de fazedores do Reino de Deus. Tudo isso está bem assegurado de acordo com a lei da oração cristã.

A Igreja reza, em sua liturgia, dirigindo-se ao Pai, recordando que Jesus “sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se ao lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra, anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas”. Igualmente, suplica: “Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que, a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhamos lealmente no serviço a eles” *(MISSAL ROMANO. Oração eucarística VI-D: Jesus que passa fazendo o bem).*

Encarnar essa mística na vida cristã nem sempre é fácil. Parece que sofremos de uma tendência dicotômica entre as coisas de Deus, do ‘alto’, e as coisas humanas, de ‘baixo’. Por isso, parece-nos que essa cena bíblica de Marta e Maria ajudam a mergulhar na relação fecunda e necessária entre dom/graça e tarefa humana (cf. Lc 10,38-42). O resumo do relato é simples: Marta recebe Jesus em casa, entretanto continua seus afazeres; e Maria acolhe o hóspede e escuta a sua Palavra. Marta considera injusta a atitude da irmã e dá ordem para que Jesus a chame à atenção. Jesus, ao contrário, reprova a atitude de Marta e reconhece que Maria escolheu a melhor parte.

O interesse desse texto está justamente na atitude das duas mulheres e o discernimento realizado por Jesus. É preciso atenção e cuidado para analisar a narrativa bíblica. “Marta trabalhava e Maria rezava!”; “Não adianta somente rezar para mudar a sociedade, temos que agir”. São corretas essas afirmações? Não. É justamente o problema que a narrativa deseja superar. E esse é um problema grave na espiritualidade cristã de nosso tempo, revelando-se na dicotomia entre oração e trabalho, fé cristã e compromisso com a vida. Sem superar essa mentalidade, perdemo-nos do núcleo central da fé cristã: vida em abundância para todos/as (cf. Jo 10,10). Como dizem os Bispos: “É missão da comunidade cristã a promoção da cultura da vida” *(CNBB - Doc. 109, n. 109).* No entanto, esta dicotomia, infelizmente, está presente na prática de muitos batizados e em discursos religiosos. Basta observar as orações, preces e mesmo algumas homilias para verificar essa lacuna espiritual. Compreender, assim, a fé é um erro fatal para o seguimento de Jesus e veneno na interpretação bíblica.

O Papa Francisco, em sua *Exortação* sobre a santidade no mundo atual, trabalha a relação entre oração e engajamento social. Ele diz: é nocivo quando os cristãos separam as exigências do evangelho do seu relacionamento pessoal com o Senhor. Para os “grandes santos, nem a oração, nem o amor de Deus, nem a leitura do Evangelho diminuíram a paixão e a eficácia da sua dedicação ao próximo”. O mais nocivo e ideológico é as “pessoas que vivem suspeitando do compromisso social dos outros, considerando-o algo de superficial, mundano, secularizado, imanentista, comunista, populista”. E finaliza colocando o critério mais importante: “sagrada é a vida dos pobres que já nasceram e se debatem na miséria, no abandono e na exclusão” (cf. GE 100-101).

Com o discernimento de Francisco fica esclarecido que Jesus, diante de Marta e Maria, não está contrapondo oração x trabalho. Está, outrossim, chamando atenção para uma espiritualidade integral e integradora. Quando os pobres, centro do Evangelho, estão no centro da vida cristã evita-se o perigo de viver uma fé a-histórica, descomprometida com a vida de carne e osso. Porque, como dizem os Bispos, “contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão” (*CNBB - Doc. 109, n. 110*).

Lembra-nos o Papa Francisco, em outro momento: “O melhor modo para discernir se o nosso caminho de oração é autêntico será ver em que medida a nossa vida se vai transformando à luz da misericórdia” (GE 105). E, ao se perguntar quais são as ações maiores, as obras exteriores manifestando melhor o amor a Deus, “responde sem hesitar que, mais do que os atos de culto, são as obras de misericórdia para com o próximo” (GE 106). Em tempos atuais, isso tornou-se ainda mais necessário na prática cristã.

[...] hoje em dia, tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida atual oferece enormes possibilidades de ação e distração, sendo-nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas. Todos, mas especialmente os jovens, estão sujeitos a um zapping constante (GE 167).

Retornando ao exemplo da narrativa bíblica, percebe-se que Marta e Maria possuem critérios diferentes: uma se fixa nos afazeres e outra na escuta do Senhor. A prática de ambas gera uma tensão: no julgamento de Marta, sua irmã está sendo preguiçosa, porque não lhe ajuda. Na visão de Jesus, porém, Maria está correta e soube escolher o mais importante. Por que? Marta está centrada no cuidado com as necessidades domésticas e afazeres, muito mais do que com as necessidades humanas e antropológicas de um *hóspede*. Lembramos, conforme o juízo final, o critério definitivo da salvação no reino de Deus, exige entre outras coisas, acolhida aos peregrinos (cf. Mt 25,35). A hospitalidade é uma dimensão, portanto, em último estágio de caráter salvífico. Em outra cena, agora narrada pelo evangelista São Lucas, também se verifica no acolhimento a Jesus uma ação fundamental para o reconhecimento do próprio Cristo. Sem desconsiderar a pedagogia divina realizada no caminho, entretanto foi, sobretudo, o convite e acolhimento na casa que abriu os olhos dos discípulos de Emaús para reconhecerem a presença do Ressuscitado entre eles (cf. Lc 24,29). Destarte, em ambos os casos, se revela algo importante para os cristãos. Maria, aquela que venceu a tentação da dicotomia, conseguiu alcançar o estágio da plena integralidade humana: ouvir, meditar a Palavra de Deus e colocá-la em prática. Já os discípulos de Emaús fizeram a experiência de reconhecer o Ressuscitado e anunciá-lo aos outros como dimensão intrínseca da mesma realidade da fé.

A constatação é que os aspectos/dimensões de rezar e trabalhar, no que confere à realidade do reino de Deus, não são anulativos, mas, ao contrário, se implicam e se correspondem. Desta forma, tornam-se caminho fecundo para superar a tentação de uma “espiritualidade intimista e individualista”, distanciando-se da caridade, como assegura Francisco. E ele alerta para o perigo maior: “Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão” gerando “falsa espiritualidade” (cf. EG 262).

Na verdade, Marta e Maria são duas pessoas que compõem nossa personalidade, caráter e opção de vida. As opções assumidas e as práticas realizadas constroem a maturidade do seguimento a Jesus: sempre a caminho para alcançar a integralidade humana de viver segundo o estilo missionário de Jesus.